



## JUSTIFICAÇÃO

Não há, talvez, maior necessidade a atender-se no Maranhão, com vistas às prementes necessidades dos dias correntes e em atendimento ao que do presente espera o seu futuro, que oferecer à sua juventude o preparo profissional capaz de garantir-lhe um meio de vida decente e operoso, para o bem da família e da sociedade. Um dos mais graves problemas da realidade sócio-econômica maranhense é precisamente a carência de meios e recursos que assegurem ocupação digna, útil e proveitosa aos seus jovens. Uma escola de qualificação profissional será, entre os empreendimentos possíveis para fazer face a esse problema, um dos mais recomendados, considerando que – até mesmo pelas agruras da pobreza e das exigências imediatas de seu meio – a juventude a que se destine a escola em referência não progrediria nos estudos até os últimos degraus da pirâmide escolar.

Por sua vez, será difícil encontrar – à exceção do município de São José de Ribamar – lugar que mais se recomende à instalação de uma escola segundo o gênero que propomos, que o município de Cururupu, no litoral maranhense.

O Maranhão – é só consultar as páginas de sua História e de sua Geografia – nasceu das águas, cresceu das águas e, até chegarmos ao fim do século XX, com a estradas de rodagem que abriram ao Estado à comunicação com o resto do Brasil, dependia das águas para encontrar o caminho de suas riquezas.

O litoral maranhense é o segundo do Brasil, e poderia considerar-se o primeiro, se puséssemos em linha reta as numerosas reentrâncias que fazem o bordado de seu litoral, servindo como fantástico ecossistema aonde vêm lavar-se as águas do rio Amazonas, com a sua força e pujança oceânicas, e a incrível variedade biológica que aí encontra abrigo para a renovação de seu ciclo de vida.

As populações do litoral dependem – e dependerão sempre – em larga escala, da navegação marítima para estabelecer as suas relações de comércio. Olhando-se o mapa do Maranhão no sentido do interior, aí se contam doze grandes rios – os principais deles, maiores que os maiores da Europa – e todos navegáveis na quase totalidade de sua extensão.

A pesca, por sua vez, é das que mais se oferecem com possibilidade de exploração econômica, a qual, todavia, é minimamente aproveitada pelos maranhenses... sendo, no entanto, alvo da atividade – predatória quase sempre – da indústria pesqueira japonesa e do Oriente longínquo.

Há cerca de uma década, calculava-se que uma população entre 300 e 400 mil pessoas faziam seu ganha-pão com os pequenos barcos do Maranhão: pescadores, barqueiros e práticos, pequenos proprietários, feirantes e passageiros de todo tipo.

Somemos em uma só todas as vertentes de motivação que levam à necessidade de dar sustentação a essa população, a explorar de maneira mais rentável e ecologicamente sustentável as vias aquáticas – marítimas e fluviais – do Maranhão, e teremos chegado à melhor justificativa para o projeto que apresentamos.

Sala das Sessões, em                      de                      de

Waldir Maranhão  
Deputado Federal